

Ciência e metafísica
na homeopatia de
Samuel Hahnemann

Regina Andrés Rebollo



Copyright © Associação Filosófica Scientiæ Studia, 2007
Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada,
armazenada em sistemas eletrônicos, fotocopiada,
reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer
sem a autorização prévia da editora.

Projeto editorial: ASSOCIAÇÃO FILOSÓFICA SCIENTIÆ STUDIA

Direção editorial: PABLO RUBÉN MARICONDA

Projeto gráfico e capa: CAMILA MESQUITA

Editores: GUILHERME RODRIGUES NETO



www.scientiaestudia.org.br

vendas@scientiaestudia.org.br

Para Tomás e Rita

Sumário

Prefácio • 11

Prefácio da autora • 19

Capítulo 1 Medicina e Método • 23

Capítulo 2 Medicina e vitalismo • 45

2.1 Os mecanicistas • 47

2.2 Os stahlianos • 51

2.3 Os hallerianos • 55

2.4 A Escola de Montpellier • 59

2.5 O vitalismo na Alemanha • 61

2.6 O vitalismo hahnemanniano • 66

Capítulo 3 A Patologia Hahnemanniana • 77

3.1 Boerhaave e Hoffmann • 80

3.2 Cullen e Brown • 83

3.3 A patologia alemã • 85

3.4 Bordeu e Barthez • 90

3.5 Os princípios morbíficos • 91

3.6 As concepções de Hahnemann • 95

3.7 A natureza infectante e contagiante dos miasmas • 107

Capítulo 4 As Bases Terapêuticas da Homeopatia Hahnemanniana • 117

4.1 A lei do similia similibus curantur • 122

4.2 As doses mínimas infinitesimais
da farmácia hahnemanniana • 131

4.3 Potencialização e dinamização • 137

4.4 Experimentação no homem “são” • 139

4.5 O “ensaio patogênético”: a construção das patogenesias • 146

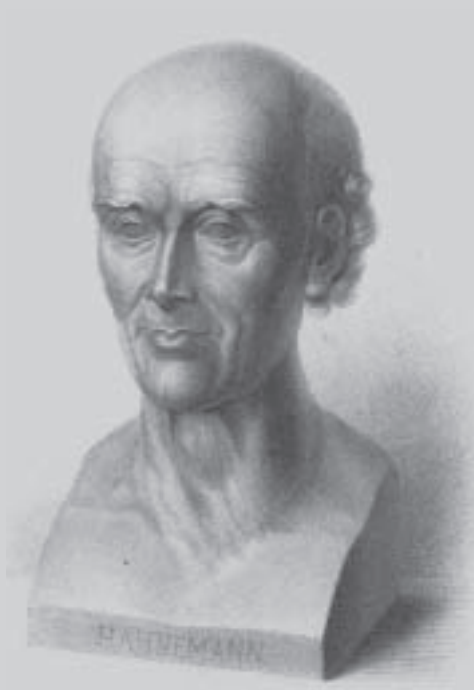
4.6 O olhar clínico homeopático: holismo e individualização • 151

Conclusão Hahnemann e a Ciência de seu Tempo • 155

Referências bibliográficas • 165

Índice de termos • 169

Índice de autores • 173



Samuel Hahnemann



PREFÁCIO

Independentemente de todas as disputas internas, há pouca dúvida de que o estado atual da filosofia e da história da ciência confere um lugar de direito à investigação do papel do vitalismo na origem, na constituição e no desenvolvimento da ciência moderna. Mesmo que o refinamento de tais estudos acabe por revelar o caráter vago da própria noção de vitalismo quando aplicada de maneira pouco qualificada (por exemplo, quando sob ele agregamos elementos tomados de mudanças científicas precisas e historicamente bem localizadas a aspectos particulares da filosofia da biologia contemporânea), parece-me que o uso de uma imagem vitalista de ciência continua indispensável para organizar nossa compreensão das ciências da vida e da saúde em sua articulação com a cultura científica moderna, pelo menos da perspectiva de uma epistemológica histórica que se interessa pelo aspecto orgânico dessa cultura. Nesse sentido, Regina Rebollo oferece ao público um estudo sobre as bases científicas e metafísicas da homeopatia de Hahnemann que será de inestimável valor tanto para as pesquisas acadêmicas sob a perspectiva de tal epistemologia, quanto para os interessados em conhecer a homeopatia em seu próprio contexto histórico e conceitual.

Localizando-se principalmente na passagem do século XVIII para o XIX, o texto vai, do primeiro ao quarto capítulo, conduzindo-nos, de forma clara e articulada, dos temas mais gerais da história e da filosofia das ciências do orgânico e da vida até aspectos mais internos da história da medicina e da farmacologia. Ele apresenta e discute elementos da teoria médica, da patologia e da terapêutica hahnemannianas, sempre acompanhados por um quadro compreensivo das teorias, conceitos e autores envolvidos na constituição de tais ele-

mentos. Assim, o leitor poderá conhecer tanto os detalhes da homeopatia de Hahnemann em seu confronto com a “medicina heróica”, quanto associar tais detalhes a tópicos já clássicos nos estudos do desenvolvimento da ciência moderna. Entre estes últimos estão questões bem amplas sobre as relações entre ciência, técnica e metafísica (que incluem considerações filosóficas acerca das relações entre empirismo, racionalismo e materialismo) e tópicos mais particulares, como o das relações entre as ciências físico-matemáticas (a astronomia, a óptica e a dinâmica) e as “ciências concretas” (a história natural, a fisiologia, a química, o magnetismo, a eletricidade etc.) no final do século XVIII. Mais especificamente, foi neste último tema que o texto de Rebollo ofereceu-me ótimas pistas para aprofundar a compreensão do retorno (ou continuidade) da física qualitativista junto da plenitude da ciência racional iluminista, sobretudo em sua aplicação do método newtoniano como garantia cognitiva das teorias que se valem de entidades dinâmicas e imateriais. Nas linhas seguintes deste *Prefácio*, pretendo trazer à luz a fecundidade da obra apontando certos aspectos dessa discussão, sem deixar, entretanto, de levantar algumas dificuldades que o estudo enfrentou diante da tarefa de apreender em amplas categorias um sistema teórico-prático complexo, tal como o da homeopatia.

O confronto entre a teoria e a prática, entre a teoria médica e a arte de curar, permeia todo o discurso médico de Hahnemann, e o trabalho de Rebollo sobre o *Organon* revela que tal confronto pode expressar-se em vários níveis. Segundo o que deparei da obra, apesar de toda sua apologia à experiência e à observação, Hahnemann não estava interessado apenas em defender a eficácia de sua terapêutica contra a medicina racionalista de sua época, mas também procurava justificar os procedimentos metodológicos nos quais estava

baseada sua experimentação farmacológica e seu trabalho clínico. Em outras palavras, em suas fontes originais, a homeopatia apresentou-se como uma técnica cientificamente bem fundada, apesar de sua associação a uma certa espiritualidade que seria posteriormente banida da medicina científica.

Desenvolvendo um pouco o assunto, podemos lembrar que uma das acusações recorrentes a tudo que se relaciona ao “vital” está no comprometimento da objetividade científica e da técnica que decorre de seu caráter antropomórfico. A vida humana e “a vida em si” não se separam nas abordagens vitalistas, sobretudo, em uma arte como a medicina, na qual o bem estar humano é, ou deveria ser, sua primeira razão de ser. Para as ciências biomédicas, qualquer tentativa de formar uma categoria do vital não contaminada pelos valores vitais humanos será em vão. Pode-se mesmo dizer que todos os valores são “vitais”, já que nascem do interior do esforço pelo florescimento humano, esforço que conta visceralmente com a medicina. Mas penso que é justamente nesta convergência ou “aglutinação” de valores que a homeopatia pode revelar seu significado especial para a história das ciências biomédicas. De uma certa perspectiva da antropologia da ciência, a homeopatia poderia ser tomada como *locus* para o conhecimento das relações entre a eficácia objetiva e a eficácia simbólica. De fato, este parece ser o caso, mas o estudo de Rebollo mostrou-me que Hahnemann não reivindica nada de remotamente “simbólico” para sua medicina. Bem ao contrário, ele proíbe a todo momento que se vá além da experiência, afastando-se decididamente da metafísica dos médicos de seu tempo. O uso que Hahnemann faz de teorias, conceitos e entidades não materialistas não compromete a objetividade científica nem a eficácia técnica de sua medicina. Bem menos objetiva seria a medicina mecanicista pois, além de estar baseada em uma fantasia metafísica sobre a

forma e a interação de partes invisíveis da matéria, é violenta e comprovadamente ineficaz.

O que acabamos de comentar conduz a outro aspecto da mesma questão, bem evidente na exposição e, mais ainda, no comentário de Rebollo ao *Organon*. Mesmo aceitando a reivindicação de Hahnemann da objetividade de seus procedimentos experimentais e técnicos, não podemos deixar de perguntar: afinal, como é possível aceitar princípios e entidades francamente espirituais, dinâmicas e vitais como fundamentos de uma medicina que se pretende fiel ao método newtoniano, a um certo espírito empirista radical e a uma farmacologia experimental? Este pareceu-me o ponto mais interessante e relevante que Rebollo oferece para uma reconstrução racional da história das ciências da vida sob uma perspectiva epistemológica histórica, já que é nele que enfrentamos diretamente o problema da cientificidade de atividades e teorias modernas que se afastaram do eixo da física-matemática ou, o que parece ser o caso da homeopatia, a ele alinharam-se de maneira heterodoxa.

Nesse sentido, consideremos a ação dos miasmas, sobretudo o miasma da psora, na gênese do quadro sintomático morboso que revela a existência do indivíduo doente (ou a individualização de uma doença). Resumidamente, o cerne do processo patogênico está na produção de um conjunto de fenômenos como consequência de interações entre duas forças, a vital e a força hostil de um agente etiológico imaterial, sendo a patogenia um processo dinâmico-imaterial. Assim, se pensarmos no conhecido papel que a chamada “comunicação das substâncias” teve na definição dos grandes sistemas modernos de filosofia natural, dos quais teriam emergido as ciências particulares, parece-me evidente que esta interação dinâmica do tipo ação-reação é o objeto central para a compreensão do significado histórico e filosófico

da homeopatia. O leitor encontrará, em vários momentos do texto, expressões da secular dificuldade de explicar como o imaterial age sobre o material. Parece-me que Hahnemann criou a região do dinâmico como uma matriz de forças que se situam entre as entidades invisíveis e os sintomas visíveis; mais precisamente, visíveis para o médico capaz de praticar uma observação pura de seus pacientes, não contaminada pela imaginação. Porém, a própria região dinâmica não se mantém com a mesma pureza dos fenômenos que ela produz. Rebollo informa-nos que Hahnemann utilizou os termos veneno, germe, parasita, semente, “embrião da doença” e outros, que se referem mais a agentes materiais do que imateriais, para designar o miasma, que é o agente morboso imaterial, mais universal. A autora entende que, sendo a doença definida em função da imaterialidade da força vital, o agente etiológico será necessariamente imaterial. Mais ainda, ela arrisca a conjectura de que a imaterialidade dos agentes patológicos seria a forma pela qual Hahneman intuía os microorganismos, seres minúsculos, invisíveis e transparentes, capazes de atingir a totalidade dos humores. A posição da autora diante do problema não se resume a isso, mas penso que há ainda muito a discutir para o problema levantado. Por exemplo, eu não faria a conjectura anterior, pois entendo que ela repousa em um certo enfraquecimento do vitalismo como fundamento legítimo para homeopatia. Mas é graças à conjectura que este ponto também poderá ser tomado como um elemento de discussão da qual o leitor poderá participar.

Da breve discussão anterior podemos, então, apreciar uma das conclusões mais gerais que a autora oferece, a saber, que a homeopatia de Hahnemann pode ser caracterizada como um “vitalismo materialista” ou um “organicismo dinâmico”. Esta pode ser uma boa solução, desde que se esteja

plenamente consciente dos problemas que a acompanham. Em linhas gerais, a criação de ontologias que incluem categorias que “hibridizam” entidades materiais e imateriais só é possível, de modo consistente, na medida em que não assume compromissos com a metafísica da dualidade substancial da modernidade. Mas tal solução não deve recorrer ao retorno à pluralidade substancial da tradição escolástica e do Renascimento. Pelo menos parece não ser este o caso da homeopatia que, segundo mostra claramente o texto, recorre ao vitalismo como uma ontologia que se limita a dar inteligibilidade ou organização racional mínima a uma prática médica que se pretende inteiramente fundada na experiência (daqui sairia uma interessante aproximação da homeopatia com os princípios regulativos da filosofia kantiana aplicados a uma possível ciência do orgânico). Mas eu gostaria de chamar a atenção para o fato de que este apelo à experiência já estava presente de maneira significativa no confronto entre a filosofia natural organicista do Renascimento e o aristotelismo da tradição escolástica. Tal apelo também serviu como base conceitual para práticas médicas e alquímicas que exigiam o retorno ao mundo do vivido e o abandono à esterilidade da cultura livresca e silogística. A partir daqui, é possível traçar uma história que chega até a passagem do século XVIII para o XIX acerca das transformações do uso da experiência contra a metafísica que, não restringindo-se à oposição entre o racionalismo e o empirismo, envolve elementos mais concretos das práticas científicas e técnicas. Acredito que a maneira pela qual a homeopatia de Hahnemann é apresentada por Rebollo permite alinhá-la a esta perspectiva histórica. Isso, por sua vez, ajuda a mostrar algo talvez ainda pouco visível na historiografia da ciência moderna, a saber, que as abordagens “organicistas”, “espiritualistas” “vivençiais”, “concretas” etc. (e, porque não, fenomenológicas)

parecem estar tão associadas à técnica, e mesmo à tecnologia, quanto ao seu caráter mais “humanístico” – no sentido de mais próximo da espiritualidade e da historicidade da dimensão humana.

Sem pretender propor aqui qualquer interpretação original, podemos concluir esta apresentação de *Ciência e metafísica na homeopatia de Samuel Hahnemann* sugerindo que tanto a magia e a astrologia renascentistas quanto a homeopatia hahnemanniana estão ligadas a uma certa idéia de domínio das forças naturais pelo homem, não apenas como um aspecto médico e aplicado de uma filosofia natural ou ontologia vitalista mais teórica e contemplativa, mas como uma idéia que está na base de tal ontologia. A leitura detida das descrições e discussões da Profa. Regina Rebollo, principalmente da terapêutica hahnemanniana, mostra que a homeopatia é uma técnica – e porque não uma tecnologia, já que, na época, estava embasada em conhecimento científico – que consiste em produzir experimentalmente a desarmonia no corpo como forma de revelar a força oculta das substâncias naturais que restabelecerão a harmonia perturbada pelos agentes morbosos. Exagerando um pouco, concluo dizendo que a homeopatia revela-se, nesta obra, como uma tecnologia vitalista que cria uma desarmonia artificial visando restabelecer a harmonia das forças naturais do organismo, enquanto suas medicinas rivais pretendem dominar essas forças naturais para criar uma harmonia artificial do organismo.

Maurício de Carvalho Ramos

Compre seu exemplar pelo email
vendas@scientiaestudia.org.br



este livro foi composto em filosofia
e impresso em papel polen 75g/m² na gráfica
Cromosete em dezembro de 2007